

# REFLEXÕES SOBRE EDITORAS E AUTORES DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO (PNLD)

Filipe Fernandes Crescêncio<sup>1</sup>

Sandra de Castro de Azevedo<sup>2</sup>

**RESUMO:** O livro didático é um importante instrumento para o ensino de geografia, além do uso que o professor faz em sala de aula, o livro didático deve ser analisado em diversas perspectivas, desde sua produção, sua venda e suas consequências no processo de ensino aprendizagem e de divulgação da ciência, neste caso, a geografia na educação básica. Este texto é parte de uma iniciação científica que busca identificar o comportamento da geografia no livro didático do ensino médio do Programa Nacional do Livro Didático. Os resultados aqui apresentados foram obtidos por meio de uma pesquisa nos guias dos PNLD ensino médio de Geografia de 2009 a 2021, tendo como objetivo mapear as editoras que dominam o PNLEM de Geografia e os autores que contribuem para definir qual geografia será abordada no ensino médio. Foi possível identificar que existe o predomínio de algumas editoras no mercado e que a nova organização do ensino médio aprovada em 2017 transformou o contexto de autores de livros didáticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia Escolar; PNLD; Mercado.

## REFLECTIONS ON PUBLISHERS AND AUTHORS OF THE HIGH SCHOOL GEOGRAPHY TEXTBOOK (PNLEM)

**ABSTRACT:** The textbook is an important tool for teaching geography, in addition to the use that the teacher makes in the classroom, the textbook must be analyzed from different perspectives, from its production, its sale and its consequences in the teaching-learning process and the dissemination of science, in this case, geography in basic education. This text is part of a scientific initiation that seeks to identify the behavior of geography in the high school textbook of the National Textbook Program. The results presented here were obtained through a research in the PNLEM Geography guides from 2009 to 2021 aiming to map the publishers that dominate the Geography PNLEM and the authors who contribute to define which geography will be addressed in high school. It was possible to identify that there is a predominance of some publishers in the

---

<sup>1</sup> Graduando em Geografia Licenciatura Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: filipe.crescencio@sou.unifal-mg.edu.br

<sup>2</sup> Professora Doutora Associada da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: sandra.azevedo@unifal-mg.edu.br

market and that the new organization of secondary education approved in 2017 has transformed the context of textbook authors.

**KEYWORDS:** School Geography; PNLD; Market.

## REFLEXIONES SOBRE LOS EDITORIALES Y AUTORES DEL LIBRO DE TEXTO DE GEOGRAFÍA DE SECUNDARIA PNLEM

**RESUMEN:** El libro de texto es un instrumento importante para la enseñanza de la geografía, además del uso que el docente hace en el aula, el libro de texto debe ser analizado desde diversas perspectivas, desde su producción, su venta; así como sus consecuencias en el proceso de enseñanza-aprendizaje y difusión de la ciencia, en este caso, la geografía en la educación primaria. Este texto es parte de una iniciación científica que busca identificar el comportamiento de la geografía en el libro de texto de secundaria del Programa Nacional de Libros de Texto. Los resultados aquí presentados se obtuvieron a través de una investigación de las guías de Geografía del PNLEM de 2009 a 2021, con el objetivo de mapear las editoriales que dominan el PNLEM de Geografía y los autores que contribuyen a definir qué geografía se abordará en el bachillerato. Fue posible identificar que predominan algunas editoriales en este mercado y que la nueva legislación de educación secundaria aprobada en 2017 transformó el contexto de autores de libros didácticos.

**PALABRAS CLAVE:** Geografía escolar; PNLD; Mercado.

### INTRODUÇÃO

Para compreender um pouco da geografia escolar abordada no ensino médio, é importante analisar o livro didático que é um material muito presente em sala de aula, neste texto a abordagem está relacionada aos autores e as editoras que estiveram presentes nos editais do PNLEM desde 2009 até 2021.

Por meio da análise dos Guias dos Livros Didáticos foram coletadas informações sobre os autores e editoras do livro de Geografia do Ensino Médio do Programa Nacional do Livro Didático. Após a coleta e organização dos dados, utilizou-se o método materialista histórico dialético para compreender as contradições do processo que envolve a produção, avaliação e uso do livro didático.

O objetivo deste trabalho é analisar quem são os agentes que influenciam a geografia escolar no ensino médio por meio do livro didático, analisar as editoras presentes e os autores que escrevem livros didáticos para o PNLD do ensino médio, contribuindo assim para a pesquisa em relação ao mercado editorial de livros, principalmente na relação do componente de geografia.

O livro didático é um importante instrumento de apoio para o professor em seu cotidiano na escola, entretanto, também devemos lembrar resquícios, e vícios que o mesmo carrega, pois, como algumas pesquisas mostraram, o livro didático pode ser utilizado até como uma “muleta” pelos professores, tornando o processo ensino-aprendizagem mais tradicional e menos significativo. Ressaltamos que além da análise do livro no processo de ensino aprendizagem, alguns pesquisadores trabalham outras perspectivas com relação aos livros, que são o livro como índice de cultura escolar (MUNAKATA, 2016), e como mercadoria (MUNAKATA, 2012), por exemplos.

Assim sendo, o livro é um instrumento do cotidiano escolar muito importante, pois possibilita o acesso ao conteúdo escolar e muitas vezes são responsáveis por apresentar o conteúdo da geografia escolar de forma sistematizada para os alunos e pode interferir diretamente no trabalho do professor, mas como o livro também é mercadoria que possui sua aprovação no PNLD vinculada à imposição do seu conteúdo às políticas educacionais curriculares e às estratégias de vendas das editoras que objetivam um elevado lucro com a venda do livro didático para o PNLD, o livro didático passa a ser um espaço de disputa e sua análise revela muitas contradições.

## METODOLOGIA

Para a construção desta pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os livros didáticos, sobre o PNLD e sobre a geografia no ensino médio. Essa revisão embasou a análise crítica dos dados dentro de uma perspectiva

pautada no materialismo histórico dialético, onde buscamos compreender as contradições presentes no processo de produção do livro didático, envolvendo as políticas públicas e o mercado editorial.

O princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial. Neste caminho lógico, movimentar o pensamento significa refletir sobre a realidade partindo do empírico (a realidade dada, o real aparente, o objeto assim como ele se apresenta à primeira vista) e, por meio de abstrações (elaboraões do pensamento, reflexões, teoria), chegar ao concreto: compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto, objeto síntese de múltiplas determinações, concreto pensado. Assim, a diferença entre o empírico (real aparente) e o concreto (real pensado) são as abstrações (reflexões) do pensamento que tornam mais completa a realidade observada. Aqui, percebe-se que a lógica dialética do Método não descarta a lógica formal, mas lança mão dela como instrumento de construção e reflexão para a elaboração do pensamento pleno, concreto. Desta forma, a lógica formal é um momento da lógica dialética; o importante é usá-la sem esgotar *nela e por ela* a interpretação da realidade. (PIRES, 1997, p. 5)

Também foi realizada uma busca investigativa de todos os Guias do Livros Didáticos de Geografia dos PNLD ensino médio, compreendendo o período de 2009 até 2021, esse material serviu de fonte de dados que foram analisados e tabulados e representados em forma de gráfico. Sobre o Guia do Livro didático Oliveira e Giordani (2017, p, 29) afirmam;

Sua produção está articulada com as diretrizes traçadas no edital de convocação para inscrição de obras didáticas, que alinhava legislaões, princípios, critérios e características esperadas desses manuais ao PNLD enquanto política pública. Regendo todo o processo, inclusive como mentor do projeto da avaliação produzida pela instituição, o edital define uma série de produtos avaliativos voltados a 'qualificar' o livro. São tais produtos que orientarão a redação do Guia e, nesse sentido, comporão esses discursos voltados para os professores.

A partir dos dados sobre os autores coletados nos Guias do Livro Didático, foi realizada uma busca no lattes para identificar a formação dos autores dos livros didáticos de geografia. Nesse processo constatou-se que uma grande quantidade de autores de livros didáticos não possui currículo lattes, fato que dificultou a realização da pesquisa. Para tentar encontrar esses dados sobre autores, foi realizada uma busca nos sites das editoras e mesmo assim não foi possível encontrar informações de alguns autores.

Também por meio das informações do Guia do Livro Didático de Geografia do PNLD foi possível identificar as editoras que estão inseridas nesse contexto e o predomínio de algumas em todos os editais desde 2009, e às vezes com mais de um livro, fato que levou a ampliar a pesquisa sobre os valores destinados ao PNLD do ensino médio pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) e também sobre o mercado editorial.

## BREVE REFLEXÃO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

O livro didático é um elemento muito presente em sala de aula e desperta o interesse de muitos pesquisadores que buscam compreender o impacto do uso desse instrumento em sala de aula, e também toda a dinâmica que envolve o processo de elaboração, venda e uso deste material.

Outra marca a respeito das pesquisas e do interesse sobre a questão do Livro Didático combinado ao PNLD é o fato de encontrarmos trabalhos desenvolvidos em diversos campos e unidades acadêmicas. No caso da Geografia, há trabalhos contemplados em instituições e programas específicos da área, mas também na educação, no campo da linguagem, no das tecnologias da informação etc. É um cenário que revela a pertinência da temática, a intensidade da influência desse componente curricular, sua contribuição didática na escola e os seus impactos no processo formativo escolar. (SANTANA FILHO, 2017, p. 241)

Além dessa análise pautada no uso do livro didático como instrumento de ensino, existe uma outra linha de análise que aborda o livro didático enquanto mercadoria.

Dentro deste contexto é de grande importância analisarmos esse mercado de livros didáticos, quem está por trás da escrita, da edição, e da estruturação dos livros didáticos. Pois um livro passa por diversas etapas até sua publicação como Munakata bem coloca:

A escrita, a revisão e a preparação do texto são, assim, algumas das diversas funções que compõem a atividade editorial, e, não sendo impossível que sejam realizadas por uma única pessoa (por exemplo, o autor), é sempre desejável que pessoas diferentes as executem (MUNAKATA, 2012, p. 7).

Apesar de diversas pessoas estarem envolvidas na elaboração do livro didático é o nome do autor que se destaca na obra e que muitas vezes define a escolha do livro pelos professores. Deste modo, é necessário analisarmos o mercado de livros didáticos e os autores que o produzem, pois, esse mercado de livros é amplo, e atualmente um dos maiores financiadores e controladores dele é o Estado, por meio do Programa Nacional do Livro Didático.

Entretanto, a trajetória das políticas voltadas para a avaliação, regulação e distribuição dos livros didáticos no Brasil foi marcada por três momentos específicos da história nacional. O primeiro, ainda no século XIX, com a criação da Comissão de Instrução Pública, responsável por elaborar projetos de lei que, de acordo com Souza, visassem “a melhor organização pedagógica para a escola primária” (2000: 10), a qual, apesar do curto tempo de existência, cerca de seis meses, se propunha ser instrumento de promoção dos fundamentos da nacionalidade brasileira através da educação; um segundo momento, já no século XX, marcado pela criação de três comissões, como apontou Tânia Regina de Luca, a Comissão Nacional do Livro Infantil (1936), a Comissão

Nacional do Ensino Primário (1938) e a Comissão Nacional do Livro Didático (1938), criadas na gestão do Ministro Gustavo Capanema, em meio à implantação do Estado Novo, e por fim, o terceiro momento, com a criação em 1985, já no final do Governo Militar, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). (MATOS, 2012, p. 52)

No Brasil, no período da ditadura militar, ocorre a criação do PLIDEF (Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental) em 1971, após diversos escândalos de corrupção do COLTED (Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático) que foi criado em 1966. O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) vem em 1985 com o intuito de substituir o PLIDEF, apesar do programa não colocar dessa forma como aponta Cassiano (2007).

A grande capacidade que editores e autores demonstraram ao longo da história da educação brasileira de adaptar o livro didático às mudanças de paradigmas, alterações dos programas oficiais de ensino, renovações de currículos e inovações tecnológicas é um dos fatores que justifica a sua permanência como parte integrante do cotidiano escolar de várias gerações de alunos e professores. (SILVA, 2012, p. 805)

Ou seja, o livro didático vai se adaptando às exigências das políticas educacionais que exercem controle sobre o conteúdo que estará presente na escola por meio do livro didático. Esse controle pode ser positivo quando se limita a um processo de avaliação com objetivo de impedir que informações erradas e pautadas em preconceitos e discriminações de diversas ordens cheguem aos alunos. Mas pode ser negativo quando esse controle se pauta em censura ideológica de alguns conteúdos.

O foco deste texto é o PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio) que surge por meio de uma resolução no ano de 2003, entrando em vigor no ano de 2004 de forma experimental, atendendo um total de 1,3 milhões de estudantes na região norte e nordeste do país. Porém, no ano de 2005, ele foi expandido para atender todos os estudantes de ensino médio do



país, de início foram distribuídos apenas livros de Matemática e Português. Já em 2006 e 2007 temos a inclusão de Biologia, no ano de 2008 são inseridos Química e História, no ano de 2009 Física e Geografia, em 2012 Sociologia, Filosofia, e Língua Moderna (Inglês, e Espanhol), por último em 2015 artes. Na Tabela 1 é possível analisar a evolução do PNLD em números.

Tabela 1: Evolução PNLD Ensino Médio 2004 a 2012

Ensino Médio						
Ano de aquisição	Ano do PNLEM (Ano letivo)	Alunos Beneficiados	Escolas Beneficiadas	Livros	Investimento*	Atendimento
2004	PNLEM 2005	1.304.477	5.392	2.705.048	47.273.737,00	Livros de Português e Matemática para todos os alunos do 1º ano - Norte e Nordeste
2005	PNLEM 2006	7.012.619	13.253	12.581.620	143.834.244,00	Livros de Português e Matemática para todos os alunos dos 3 anos, em todo o país.
2006	PNLEM 2007	6.896.659	15.570	9.175.439	124.275.397,18	Livros de Biologia para todos os alunos e reposição dos livros de Português e Matemática nos 3 anos.
2007	PNLEM 2008	7.141.943	15.273	18.248.846	221.540.849,41	Livros de História e Química para todos os alunos e reposição dos livros de Português, Matemática e Biologia nos 3 anos
2008	PNLEM 2009	7.249.774	17.276	43.108.350	504.675.101,27	Livros de Português, Matemática, Biologia, Física e Geografia para todos os alunos e reposição dos livros de História e Química nos 3 anos.
2009	PNLD EM 2010	7.630.803	17.830	11.189.592	137.563.421,71	Reposição dos livros nos 3 anos. Componentes curriculares: português, matemática, biologia, história, química, física e geografia.
2010	PNLD EM 2011	7.669.604	17.658	17.025.196	184.801.877,52	Reposição dos livros nos 3 anos. Componentes curriculares: português, matemática, biologia, história, química, física e geografia.
2011	PNLD EM 2012	7.981.590	18.862	79.565.006	720.629.200,00	Livros de Português, Matemática, Biologia, Física, História, Geografia, Química, Inglês, Espanhol, Filosofia e Sociologia.
2012	PNLD ENSINO MÉDIO + EJA 2013	8.780.436	21.288	40.884.935	364.162.178,57	Reposição dos livros nos 3 anos. Componentes curriculares: português, matemática, biologia, física, história, geografia, química, inglês, espanhol, filosofia e sociologia.

\* Valor gasto com aquisição, distribuição, controle de qualidade etc.

Fonte: FNDE (<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>)

Segundo dados retirados do site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), os investimentos em livros didáticos no ensino médio de 2004 até 2012, que correspondem aos PNLEM 2005 até o PNLD EJA Ensino Médio 2013, demonstram uma crescente demanda de investimentos em livros didáticos, começando em cerca de 45 milhões de reais até chegar em 720 milhões de reais no PNLD 2012, e no PNLD EJA Ensino Médio, que é no ano seguinte de 2013, foram investidos 364 milhões de reais em livros didáticos para serem distribuídos nas escolas da rede pública do Brasil.



No ano de 2020 foram investidos 1.390.201.035,55 bilhões em aquisições de livros didáticos, segundo dados retirados do site do FNDE. Assim podemos visualizar em cifras os valores investidos em livros didáticos desde o início do programa e imaginar o grande mercado que o Estado proporciona às editoras. Em livros apenas do ensino médio, o investimento foi em torno de 234 milhões de reais.

Ao longo de todo esse tempo, com avanços e descontinuidades, o Estado brasileiro demonstra com suas políticas o reconhecimento do papel dos manuais didáticos para a educação escolar pública. Nas últimas décadas o PNLD alcançou a condição de maior programa de distribuição de Livros Didáticos do mundo, movimentando grandes interesses econômicos, políticos e ideológicos em torno dos livros. E, podemos dizer também, acadêmicos. (SANTANA FILHO, 2017, p. 242).

Todo esse contexto explicita a importância de analisarmos o livro didático para além de um material de apoio aos professores e alunos, mas sim como um instrumento de poder.

## OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: QUEM DETERMINA A GEOGRAFIA ESCOLAR

Quem escreve os livros didáticos de geografia para o ensino médio? Buscando responder essa questão, foi realizada uma coleta de dados dos autores em todas as edições do PNLD do ensino médio e posteriormente foi realizada uma pesquisa para conhecer a formação de cada autor. A busca pela formação dos autores de livros didáticos de geografia através do currículo lattes conteve um grande desafio, pois diversos autores de livros didáticos ou não continham currículo, ou o currículo estava desatualizado.

Esta dificuldade de acesso à informação gerou um obstáculo no desenvolvimento da pesquisa, gerando uma inquietação sobre o PNLD não

fornecer as formações dos autores que tiveram obras aprovadas nos editais abertos. Entendemos que seria importante no momento da escolha do livro didático os professores terem conhecimento sobre a formação desses profissionais, pois isso impacta diretamente no resultado do livro e facilita o entendimento do livro como um todo. Essa informação mostraria também qual a relação com a educação e com o ensino de geografia os autores de livro didático possuem, fator que pode contribuir com a proximidade do conteúdo do livro com a realidade do professor no dia a dia da sua profissão.

Por meio da análise dos dados, foi possível perceber que com a reforma do ensino médio mudou o cenário de autores de livros didáticos de geografia. Tivemos um aumento de autores em comparação com outros anos: entre os anos de 2009 e 2018, o PNLEM de Geografia apresentava uma variação entre 27 e 30 autores com livros aprovados nos editais, com variações de 14 até 18 livros aprovados. Todavia, após a reforma do ensino médio de 2017 e a implementação de uma nova dinâmica curricular, temos um salto que em tese seria justificado pelo fato de que, em 2021, os livros passaram a abranger as matérias de ciências humanas, de 27 até 30 autores, passam a ter 77 autores e 19 obras aprovadas. A hipótese levantada é que a junção das disciplinas em um único livro, a partir da lei de 2017 e no PNLD ensino médio de 2021, acabou envolvendo autores das demais disciplinas, como história, sociologia, filosofia etc. pelo fato de ter esse aumento expressivo, pois quando se tratava apenas do componente de geografia tinham no máximo 30 autores. Um aumento muito expressivo que merece uma pesquisa futura, envolvendo o mercado editorial e as políticas educacionais.

Ainda sobre a formação dos autores dos livros didáticos, Vitiello (2020), em seu artigo *Quem Escreve o Livro Didático de Geografia?*, encontra a mesma dificuldade em relação à formação dos autores de livros didáticos de geografia, entretanto traz à tona dados importantes em relação à formação dos mesmos.

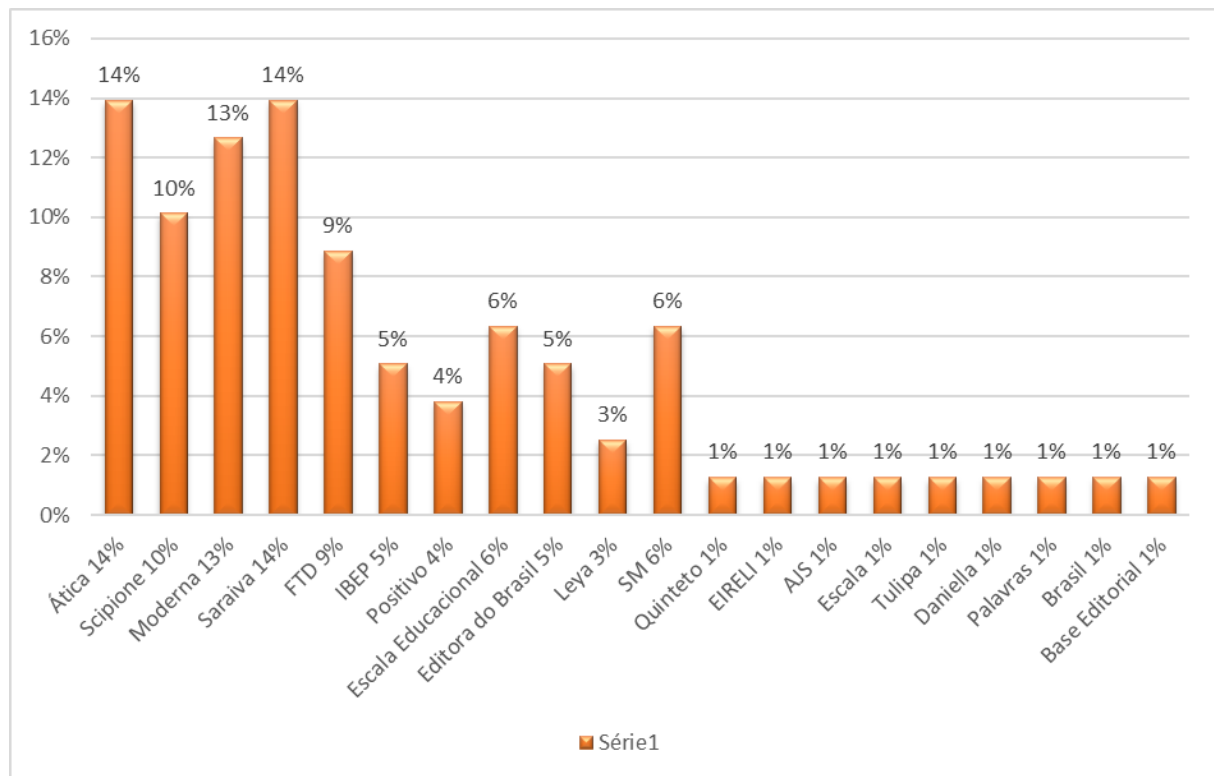
Dentre esses dados, chamamos a atenção primeiramente para onde os autores em sua maioria são formados, qual é a universidade que mais forma autores de livros didáticos? A resposta é trazida pelo autor nos resultados obtidos: em que 60% dos autores são formados em graduação na USP, seguido pela PUC-SP.

Apesar da informação sobre a formação dos autores ser algo importantíssimo, sabemos que muitas vezes esses autores não possuem total liberdade na elaboração do livro, pois quem dita as normas são as editoras, que, seguindo os editais do PNLD, focam na maior possibilidade de venda desses livros.

Com relação às editoras, fizemos um levantamento através dos Guias da PNLEM e através deles foram realizadas tabelas por livros aprovados, e após isso, fizemos um levantamento e realizamos um gráfico que busca identificar quais editoras têm maior domínio. Nesse gráfico, pode-se observar que temos um total de 20 editoras no mercado de livros didáticos do ensino médio destinados às escolas públicas. Dentre essas 20 editoras que aparecem nos PNLD do Ensino Médio, as que contêm os maiores domínios do mercado de livros didáticos são Ática, Saraiva, Moderna, Scipione, FTD.

A análise da presença das editoras no PNLEM de 2009 a 2021, identificada por cada livro submetido em cada edital, está representada no Gráfico 1. Algumas editoras apresentam duas obras em um único edital, conseguindo assim atingir um espaço maior no momento de escolha dos professores nas escolas.

Gráfico 1: Porcentagem de editoras por livros no PNLD do Ensino Médio de 2009-2021.



Fonte: Guia do Livro Didático – PNLEM (2009 a 2021).

É importante a análise de livros didáticos, pois os livros didáticos são considerados um objeto para se falar sobre a relação de uma cultura escolar, como demonstra Munakata (2016, p. 4)

Afinal, não há como negar que haja coisas que só existem na escola. Não por acaso, a noção de cultura tende a aplicar-se a identidades peculiares, a comunidades delimitadas - cultura negra, cultura indígena, cultura gay - e, por que não? - cultura escolar.

O autor também demonstra “que no momento mesmo em que a escola foi ideada já se pensava também num livro específico para ela e um designativo para esse objeto.” Assim, demonstra-se que o livro didático é um fator pensado em conjunto com a criação da escola, e que a existência do mesmo só se justifica pela escola.

Ora, se o livro didático pode ser considerado um indício de cultura escolar como Munakata (2016) aborda, deve-se pensar o mercado dos livros, e como as editoras se beneficiam desse mercado financiado pelo Estado.

Munakata, em seu texto *O livro didático como mercadoria* (2012), traz reflexões importantes por trazer do mercado do livro didático que pode nos esclarecer a respeito dos grandes investimentos do Estado nos mesmos. Primeiramente, o autor traz reflexões de Adorno e Horkheimer a respeito da chamada “arte séria”, o que leva a crer que os autores de livros didáticos possuem dificuldades de realizá-la, pois para Adorno e Horkheimer essa “arte séria” seria como Munakata (2012, p.5) define:

A “arte séria”, então, ostentaria a integridade e a autonomia da obra e do autor, que submete o editor e demais agentes editoriais, ao contrário, por exemplo, de escrevinhadores de livros de divulgação, que redigem seus textos sob encomenda, segundo padrões (tamanho, estilo da linguagem, seções obrigatórias, etc.) definidos pelo editor, e que têm de se conformar com intervenções de copidesque, preparador de texto ou revisor. O que os autores “sérios” raramente quiseram saber é que esse procedimento em relação aos “originais” acontece com todos os textos, não apenas com aqueles encomendados.

Assim, os livros didáticos por estarem enquadrados na indústria cultural e por terem que atender alguns aspectos específicos delimitados atualmente pela Base Nacional Comum Curricular não poderiam ser considerados uma chamada “arte séria”, pois devido estes aspectos específicos, os autores passam a ser mais pressionados para atender à política curricular nacional, que foi implementada diante de uma forte rejeição social (houveram ocupações de audiências públicas e ocupações de escolas pelos secundaristas contra a reforma do ensino médio que tem como base curricular a BNCC). Além dessa pressão, existe também a pressão da editora, que tem o objetivo de lucrar com o livro e muitas vezes não respeita a opinião dos autores, sem entender o que pode ser prejudicial ao seu

negócio. Ser autor de livro didático não é tarefa fácil, escrever de forma que os alunos e professores entendam, manter seu posicionamento com relação à ciência geográfica, atender às políticas educacionais e o mercado editorial são desafios contraditórios.

Os livros didáticos escrito pelos autores dentro dos parâmetros editoriais e de mercado são avaliados por uma comissão e essa comissão é quem elabora o Guia do Livro Didático que apresenta uma resenha na qual temos pontos positivos e negativos dos livros, porém devemos refletir se esses livros realmente tem o intuito pedagógico que deveriam, pois como (MUNAKATA, 2012) inculca na questão que os livros podem muito bem ser escritos para passar por essas comissões avaliativas, pelo fato de que se um livro é aprovado nessa comissão, o lucro é certo.

Assim demonstrando os limites que são impostos no momento da escrita de um livro didático. Também não podemos esquecer das reformas e ataques neoliberais que as escolas vêm sofrendo, que afetam diretamente na produção de livros didáticos e no cotidiano dos professores e alunos, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na década de 90 e, agora, com a aprovação e implementação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em 2017.

É importante delimitar o mercado de livros didáticos e demonstrar o funcionamento dos mesmos, pois o mercado de livros é um mercado comum como todos os outros. Para Marx, a mercadoria é o principal meio para entendermos o capitalismo, assim ela seria uma mediadora das relações sociais, porém, antes disso, uma coisa que serve para satisfazer as necessidades do ser humano (MUNAKATA, 2012).

A partir disso, para compreendermos esses investimentos, deve-se observar o mercado de livros didáticos mundial. Sacristán traz dados que cerca de "16,98% dos títulos de livros publicados em 1992 na Espanha são 'livros de ensino e educação'" e nos "Estados Unidos, 30% dos livros vendidos são livros

didáticos” (SACRISTÁN,1995, p. 85). Isso também remete a uma citação de uma carta redigida por Monteiro Lobato, em 1923, o qual afirma estar “refreando as edições literárias para intensificação das escolhas”. O bom negócio é o didático”. Não é à toa que ele, no ano de 1925, em novembro, junto com Octalles Marcondes Ferreira, anuncia a criação da Companhia Editora Nacional. Essa editora teve um êxito praticamente instantâneo, tanto que no ano seguinte, em fevereiro de 1926, já tinham comprado dos seus credores o estoque de livros e os direitos autorais de uma antiga firma (CASSIANO, 2007).

Também cabe o destaque para a produção de livros didáticos no Brasil, segundo dados retirados da Câmara Brasileira do Livro, que Munakata (2012, p. 9) traz:

produziram-se no Brasil 386.367.136 exemplares de livros (incluindo primeira edição e reedições), dos quais 183.723.605 exemplares (47,55%) correspondiam a 19.721 títulos de obras didáticas da Educação Básica. No mesmo ano, do total de 371 milhões de exemplares vendidos, os livros didáticos corresponderam a 207 milhões de exemplares (55,79%); para o faturamento total de quase 3,38 bilhões de reais, o livro didático contribuiu com mais da metade (1,73 bilhões de reais) (Câmara Brasileira do Livro, [2010]).

Assim, sobre a reflexão em relação às editoras e os lucros que elas têm, é importante destacar, no gráfico 1, que temos as porcentagens de livros didáticos de geografia por editoras. Portanto, cabe contar um pouco sobre o oligopólio e o modo que as editoras adotam no mercado de livros didáticos.

Das editoras que mais aparecem estão na frente Ática, Saraiva, Moderna, Scipione e FTD, essas editoras juntas representam 60% dos livros aprovados nas PNLD do Ensino Médio. Assim, é interessante demonstrar como essa oligopolização está presente e de onde vem suas raízes. Dentre os conglomerados das editoras, o primeiro a destacar é do grupo Abril, que detém as editoras Ática e Scipione, elas foram adquiridas parcialmente em 1999 e



integralmente no ano de 2004. Assim, quase  $\frac{1}{4}$  dos livros são vendidos para o Estado pelo mesmo grupo, apesar de aparecerem como independentes. Sobre as editoras, temos o grupo Saraiva, que detém as editoras Atual e Formato. Cabe o destaque que esses dois grupos pertencem ao Grupo Kroton-Anhanguera, que os adquiriu nos últimos anos. O grupo Kroton-Anhanguera também detém diversas escolas, universidades e cursos técnicos pelo Brasil. Depois temos a editora Moderna, que foi adquirida pelo Grupo Editorial Santillana. Esse grupo tem no Brasil seis empresas diferentes, sendo elas a Editora Salamandra, o selo Richmond, o Sistema Uno de Ensino, a empresa de avaliação educacional Avalia e a Editora Objetiva, que foi adquirida pela Santillana em 2005, e a FTD adquiriu a editora Quinteto em 1997 (CASSIANO, 2007).

Os modos como essas editoras agem no mercado são muito parecidos entre si. Munakata (2012) demonstra isso em seu texto sobre as pressões que os professores sofrem na escolha do livro didático, e que algumas táticas agressivas foram proibidas, porém as editoras continuam dentro das escolas com livros, e no entorno com as chamadas “Casa do Professor”, em que os professores mediante um cadastro podem receber materiais. A prática de representantes das editoras dentro das escolas foi proibida pelo governo federal, devido a grande agressividade no marketing, o que poderia levar a escolha de certos livros.

Outra questão importante é demonstrada por Apple (1995, p. 95-96) nos Estados Unidos sobre a produção de livros didáticos:

[...] os estados que adotam uma política de adoção estadual de livros didáticos.

O simples fato de conseguir a inclusão do livro em uma lista dessas pode decidir se esse volume vai dar lucro ou prejuízo. Assim, por exemplo, as vendas na Califórnia ou no Texas podem responder por mais de 20% do total de vendas de um livro em particular [...]. Por causa disso, a redação, edição, promoção e orientação e estratégia gerais dessas produções são dirigidas com

bastante frequência a garantir um lugar nas listas de materiais aprovados pelos estados. Uma vez que é isso o que ocorre, o clima político e ideológico desses estados predominantemente sulistas, frequentemente, determina o conteúdo e a forma dos currículos adquiridos através do restante do país.

Assim, o autor demonstra os riscos desse sistema único nacional que temos dos livros didáticos atualmente, pois todos eles seguem os critérios adotados nos editais do PNLD e a dinâmica de mercado, que analisa qual é o formato de livro mais aceito pelos professores, além de terem o predomínio de autores formados em uma única instituição, como já foi citado anteriormente, cerca de 60% dos autores de livros didáticos de geografia são formados na USP (Universidade de São Paulo).

Diante de todo esse contexto é que temos que pensar a presença do livro didático nas escolas e as possibilidades e consequências de seus usos.

A forte presença do Livro Didático no cotidiano das aulas de Geografia é, para alguns professores, um fator que aprisiona, conforme cada respectivo contexto de trabalho. Seja em função do peso de sua tradição no ambiente escolar, combinado ao fato dos estudantes da educação o receberem como material didático para estudo e consulta, seja pela forma como os conteúdos estão já introjetados sob a influência dos manuais didáticos, essas amarras contrastam com a angústia de ter que usá-lo (ainda que o adaptando às necessidades dos estudantes), ou ainda, de sentir-se limitado para confrontá-lo academicamente. Ao mesmo tempo, a experimentação e criação de formas de escapar do Livro Didático tensionam a ação reflexiva e as decisões imediatas para a aula de Geografia. Eis a ideia do dilema! (SANTANA FILHO, 2017, p. 43)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visualizamos, o mercado de livros didáticos é um mercado amplo e o maior financiador atualmente dele é o Estado. Todavia, o objetivo era demonstrar os vícios que esse mercado carrega, como os oligopólios das

editoras, a fetichização em cima desse aparelho que o professor utiliza e também as dificuldades que o professor encontra nas escolhas de livros didáticos.

O maior questionamento desse mercado didático é em relação a sua escrita, que divide seus objetivos em chegar ao professor, ganhando mercado e o compromisso pedagógico e com a ciência geográfica. Esse compromisso com o aprendizado e com a geografia é presente nos autores dos livros didáticos, que muitas vezes possuem pouco poder de decisão nas editoras e nos avaliadores dos livros didáticos, que apesar de seguirem os editais e critérios de avaliação, pensam na geografia que chegará a escola por meio do livro.

Nessa questão, a transparência do PNLD do Ensino Médio é mínima, pois nem o currículo dos autores são disponibilizados, e o mais interessante é a transparência desses programas ser dimensionada apenas nas cifras, o que nos leva a questionar esse mercado de livros didáticos.

Dessa forma, podemos visualizar a mercantilização da educação pública e as dificuldades que os professores das redes em alguns casos dimensionam, pois o livro didático do PNLD e do PNLEM para as editoras são mercadorias.

Marx definia a mercadoria como uma das principais coisas para gerar o entendimento dessa sociedade capitalista, e em sua definição, a priori, “a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas”(1996, p. 87). E, como qualquer outra mercadoria, o livro didático se demonstra trivial e inofensivo, mas, como Munakata (2012), também coloca que os vícios da sociedade capitalista estão presentes nele e, em relação ao componente de geografia, vemos diversos vícios presentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

APPLE, M. W. **Cultura e comércio do livro didático**. In: APPLE, M. W. Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 81-105.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLEM/2009 /Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

\_\_\_\_\_. **Guia de livros didáticos** : PNLD 2012 : Geografia – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

\_\_\_\_\_. **Guia de livros didáticos** : PNLD 2015 : geografia : ensino médio. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

\_\_\_\_\_. **PNLD 2018: geografia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro em 2009**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / SNEL / FIPE, [2010]. Disponível em: <<http://www.cbl.org.br/telas/cbl/downloads.aspx>>. Acesso em: jan. 2012.

CASSIANO, Célia Cristina Figueiredo. **O Mercado do Livro Didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)**. 2007. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SACRISTÁN, Gimeno J. **Materiales y textos: contradicciones de la democracia cultural**. In: GARCÍA MÍNGUEZ, J.; BEAS MIRANDA, M. (Comp.) Libro de texto y construcción de materiales curriculares. Granada: Proyecto Sur de Ediciones, 1995. p. 75-130.

FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). **Programas do Livro Didático. Funcionamento.** Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/funcionamento>. Acesso em 26 de nov. 2021.

KATUTA, Ângela Massumi. Mercantilização e Financeirização da Educação Brasileira: a Proposta Neoliberal, o Apagão Pedagógico Global (Apg) e as R-Existências. **GEOGRAFIA** (RIO CLARO. ONLINE), v. 44, p. 89-111, 2019. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14960>. Acesso: 26 de nov de 2021.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996 [1867].

MATOS, Júlia Silveira. A história nos livros didáticos: o papel das políticas governamentais na produção e veiculação do saber histórico. **Revista Historiae**, Rio Grande, v. 3, n. 1, p. 51-74, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3152>. Acesso em: 26 de nov de 2021.

MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MUNAKATA, Kazumi. Livro Didático Como Indício Da Cultura Escolar. **História da Educação**, v. 20, p. 119-138, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/cwYpSWdmxxpLjK7ZRGfxhmc/abstract/?lang=pt>. Acesso em; 26 de nov. 2021.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático como mercadoria**. Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 23, p. 51-66, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/9zhGQRDGBz8FmWXpdNVNxpB/?format=pdf&lang=pt>

Acesso: 26 de nov. de 2021.

OLIVEIRA, Aldo Gonçalves; GIORDANI, Ana Claudia Carvalho. Guia do Livro Didático: textualidades em tensões. In: TONINI, Ivaine Maria et al (orgs.). **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem**. Porto Alegre: Sulinas, 2017, p. 25-37.

PIRES, Marília Freitas de Campos **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 1997, v. 1, n. 1, pp. 83-94. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfr4dmSD/?lang=pt>. Acesso: 26 Nov.de 202.

SANTANA FILHO, Manoel Martins. Sobre o Livro Didático de Geografia e os dilemas na prática docente. In: TONINI, Ivaine Maria et al. **O Livro didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 239-258.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático. *Educação e Realidade*, v. 37, n. 3, set./dez. de 2012, p. 803-821. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/wNQB9SzJFYhbLVr6pqvp4wg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 de nov. de 2021.

VITIELLO, Márcio Abondanza. Quem Escreve O Livro Didático De Geografia?. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 10, p. 461-474, 2020.